

DESCARTES E O CETICISMO

Joceval Andrade Bittencourt¹

RESUMO: Este artigo analisa a retomada do ceticismo grego pelos pensadores modernos, em três etapas: 1º - Origem e desenvolvimento do ceticismo grego; 2º - condições históricas do século XVI e XVII que facilitaram o acolhimento, entre os principais pensadores da época, do ceticismo grego; 3º - Descartes, tendo transformado a dúvida natural em dúvida metódica; tendo combatido e vencido os céticos, indica o *Cogito*, sua primeira verdade indubitável, como o único caminho, seguro e certo, para o progresso do conhecimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Método, Ceticismo, Ciência

ABSTRACT: This paper analyzes the resumption of Greek skepticism by modern philosophers in three stages: 1 - the origin and the development of Greek skepticism; 2 - the historical conditions of 16th and 17th century which allowed to strengthen the Greek skepticism among those philosophers; 3 - Descartes (who transformed the natural

doubts in methodical doubt after to fight and to win the skeptics) indicates the Cogito, the first undoubted truth, as the only safe and sure way for the progress of human knowledge.

KEYWORDS: Method, Skepticism, Science.

Tendo em conta a grande extensão deste tema: *A RETOMADA DO PENSAMENTO ANTIGO PELOS MODERNOS*, sabendo que o mesmo abarca, com poucas exceções, quase que a totalidade da Filosofia Grega, com suas ramificações, optamos por fazer um demarcação mais específica, tomando o *ceticismo grego* como tema alvo de nossa reflexão. Num primeiro momento, indicaremos como os modernos dos séculos XVI e XVII, recorrendo aos céticos gregos, interpretam o seu tempo; num segundo momento, através de Descartes, indicaremos como, da superação do ceticismo – antigo ou moderno –, estruturou-se e configurou-se a razão moderna².

Os séculos XVI e XVII são marcados por profundas transformações, período de crises em todos os campos da cultura: na política, na teologia, na filosofia, nas ciências e nas artes. Crise de ruptura, de mutação, entre o pensamento antigo, que ainda não se fora completamente, e o pensamento novo, que ainda não se afirmara inteiramente. Contudo, é um dos momentos mais ricos na história do pensamento ocidental. Ainda não se sabe a conformação do devir, o que se sabe é que um determinado mundo encontra-se em processo acentuado de desconstrução. Diante da nova linguagem do mundo, a verdade revelada perde sua autoridade, a razão vira-lhe as costas, a terra não é mais o centro do universo, a Europa já não é o centro do mundo, a nova cartografia conquista continentes dantes

desconhecidos, o cosmo hierarquizado, ordenado, esférico, cai por terra, em seu lugar, surge um novo universo, infinito, aberto, desprovido de qualquer finalidade, dotado de uma natureza mecânica, regida por uma física puramente quantitativa, cuja a engrenagem, seu verdadeiro funcionamento, só se torna inteligível através da linguagem matemática³. O mundo está “de cabeça para baixo”, o “devido lugar” de cada coisa na ordem do universo, já não está mais lá, as cartas foram embaralhadas, o cosmo desarrumou-se, o homem encontra-se, como que perdido, sem centro, sem verdade, sem referências seguras para operacionalizar o mundo real ou espiritual; parece o fim dos tempos, como bem indicou o Pe. Mersenne: “não vos parece – escreve ele a Ruarus – o anúncio do fim do mundo?”⁴; Pascal, por sua vez, se apavora com “o silêncio dos espaços infinitos”⁵; o poeta John Donne, em 1611, sintetiza, de forma exemplar, o estado de crise em que vive o homem desse período:

A nova filosofia põe tudo em dúvida, o elemento do fogo está completamente extinto, o sol está perdido, e também a terra, e nenhum espírito humano tem com o que se orientar para a procurar, e os homens confessam livremente que este mundo está em ruínas, quando entre os planetas e o firmamento eles procuram tantos mundos novos; eles vêem então

que tudo está de novo pulverizado em Átomos, tudo está em pedaços, toda a coerência perdida (...) ⁶.

Neste cenário de incertezas, de dúvidas, de um quase pavor diante da completa desordem referencial do mundo, renasce uma filosofia típica dos períodos de crise: o *ceticismo*. Entre o início do século XVI e meado do século XVII, o ceticismo torna-se, como que, uma filosofia ou uma forma de pensamento bastante em moda; todos, ou pelos menos os melhores espíritos, tornam-se herdeiros de Pirro ⁷. O ceticismo está por toda parte. Descartes, na *Sétima Objeção e Resposta*, diz que não se deve pensar que a seita dos cétricos desapareceu, ao contrário, ela floresce cada vez mais. Quase todos que julgam ter alguma habilidade no campo do conhecimento, não encontrando na filosofia ordinária nada que lhes satisfaçam, refugiam-se no ceticismo ⁸. Muito contribuiu para tal fato, a tradução, do grego para o latim, de duas obras de Sexto Empírico, a primeira, *Hipótese Pirronianas*, traduzida em 1562, por Henri Estienne; a segunda, *Adversus mathematicos*, traduzida em 1596, Gontien Hervet, em 1569.

Este espírito que indica a impossibilidade de a razão humana constituir uma ordem de verdades sobre qualquer realidade, física ou espiritual, que ressurge na aurora dos tempos modernos, já se encontra presente no mundo grego, através de vários pensadores. Mesmo reconhecendo breves

manifestações céticas no pensamento grego, entre pré-socráticos, sofistas e até mesmo Sócrates, quando indica que o não saber constitui a causa originária do saber, só com Pirro de Élis (360 – 275), é possível demarcar, com precisão, o nascimento, plenamente maduro, do ceticismo ocidental⁹.

Entre todos os céticos, Pirro, tornou-se o mais conhecido, principalmente depois das exposições feitas por Sexto Empírico sobre seu pensamento. Torna-se Sexto Empírico fonte de referência para os diversos estudos sobre o ceticismo clássico: Cícero (*Os Acadêmicos*), Diógenes Laértios (*Vida e doutrina dos filósofos ilustres*) e, bem mais tarde, já na Patrística, Santo Agostinho (*Contra os Acadêmicos*).

Não tendo Pirro de Élis escrito nada, para conhecer seu pensamento, recomenda-se recorrer à pensadores cujo testemunho sejam confiáveis. Aristóteles é um deles. Tornou-se clássico o que diz Aristóteles sobre o ceticismo de Pirro: “Pirro de Élis não deixou nenhum escrito, mas seu discípulo Tímon diz que aquele que quer ser feliz deve considerar estes três pontos: em primeiro lugar, o que são as coisas sem si mesmas? Depois, que disposições devemos ter em relação a elas? Finalmente, o que nos resultará dessas disposições? As coisas não tem diferença, entre si, e são

igualmente incertas e indiscerníveis. Por isso, nossas sensações e nossos juízos não nos ensinam o verdadeiro nem o falso. Por conseguinte, não devemos nos fiar nem nos sentidos nem na razão, mas permanecer sem opinião, sem nos inclinarmos para um lado ou para o outro, impassíveis. Qualquer que seja a coisa de que se trata, diremos que não se deve mais afirmá-la do que negá-la, ou que se deve afirmá-la e negá-la ao mesmo tempo, ou que não se deve nem afirmá-la nem negá-la. Se estivermos dispostos a isso”, diz Timon, “alcançamos primeiro a *afasia*, em seguida a *ataraxia*”¹⁰.

Ao fim e ao cabo, o ceticismo em geral, o pirronismo em particular, diante da impossibilidade de o homem conhecer a verdade das coisas, sendo estas incognoscíveis à razão, o homem deve evitar emitir qualquer juízo, fazendo como que uma suspensão de juízo (uma *epoché*), tal atitude o levaria a conquistar um estado de *ataraxia*, que nada mais é do que a presença de uma certa felicidade produzida pela ausência de perturbações do Espírito. Neste território, não é possível a conquista de um único conhecimento verdadeiro sobre coisa alguma. A razão perde sua autoridade de distinguir entre o verdadeiro e o falso, entre a *episteme* e a *doxa*. Tudo se equivale, não importa o campo do conhecimento, o homem está condenado a tráfegar sempre

no campo das opiniões, sem nenhum critério, através do qual possa fundar um único saber verdadeiro.

O ceticismo, que renasce no final da Idade Média, tem como seus mais ilustres representantes: Agrippa (1485-1535), Sanchez (1523-1601), Charron (1541-1603) e Montaigne (1533-1592), para nos manter no território demarcado pelos séculos XVI e XVII. Mantendo suas diferenças, trazendo em sua algibeira o ceticismo grego, têm uma orientação comum: negar não só as verdades das filosofias dogmáticas, como também negar a própria possibilidade de se conhecer a verdade sobre qualquer coisa. Entre esses herdeiros do ceticismo grego, Montaigne se destaca, tornando-se o filósofo que, através de Sexto Empírico, incorporou o ceticismo da tradição aos seus *Ensaio*s. Ao modo dos cétricos antigos, opondo-se aos filósofos dogmáticos, cuidadores e defensores de verdades autoritárias e de certezas absolutas, Montaigne retira dos filósofos e, por extensão, da razão humana, qualquer autoridade que possa validar o conhecimento humano.

O homem é capaz de tudo e de nada. Se confessa como Teofrasto, sua ignorância, das causas primeiras e dos princípios, que renuncie à ciência, pois, em lhe faltando a base, seu raciocínio ruirá por terra. Discutir e investigar não tem outro objetivo senão os princípios; se não os atinge, tudo redundará

em incerteza: ‘uma coisa não pode ser mais compreendida do que outra, porque a compreensão é uma só para todos.’ (Cícero). Se a alma tivesse conhecimento de alguma coisa, é provável que seria primeiramente dela mesma; se conhecesse algo exterior a ela, seria antes de tudo seu corpo, seu estojo; e, no entanto, até agora os deuses da medicina ainda lhe discutem a anatomia. [...] Até quando deveremos esperar que se ponham de acordo! Estamos mais próximo de nós que a brancura da neve ou o peso da pedra; se o homem não se conhece a si mesmo, como poderá conhecer sua força e porque se encontra na terra? É por acaso que temos alguma noção da verdade, e como é igualmente por acaso que o erro penetra nossa alma, não somos capazes de distinguir o certo do errado, nem escolher entre um e outro¹¹.

A conquista da verdade, a nenhum homem pertence. A verdade é uma propriedade da “divina majestade”. A razão, em nenhum momento lhe dá acesso. A fé é o único caminho através do qual o homem pode ter acesso à verdade, aquela que Deus lhe revela. O ceticismo de Montaigne torna-se, por um lado, uma arma de combate contra a pretensão do homem de tornar-se, através da razão natural, o senhor da verdade, por outro, coloca-se em defesa das verdades reveladas, aquelas que demarcam o território

da religião. Para Montaigne, só por puro orgulho, vaidade ou loucura, pode o homem, através do raciocínio, requerer para si a tutoria da verdade. É exatamente, essa prepotência do homem que deve ser combatida, o homem deve ser humilhado, destituído de tal arrogância, deve-se colocá-lo no seu devido lugar, em sua nulidade absoluta.

O meio que emprego para rebater essa objeção – e que me parece a mais adequada – é o de humilhar e espezinhar o orgulho e a arrogância do homem; o de lhe fazer sentir sua inanidade, sua vaidade, seu vazio; de lhe arrancar das mãos as armas mesquinhas que lhe fornece a razão; de o forçar a inclinar-se e beijar o chão ante a autoridade e imponência da divina majestade. Só a esta pertencem a ciência e a sabedoria; só ela pode avaliar sozinha alguma coisa e dela tirarmos aquilo com que nos enfeitamos e tanto prezamos em nós¹².

Diante de tal constatação, Montaigne, depois de fazer um breve retrospecto histórico, demonstrando como as novas verdades se afirmaram sob as antigas, que um dia tiveram sua epifania comemorada como verdades definitivas, verdades absolutas, pergunta, se as conquistas de hoje não serão negadas pelas novas conquistas futuras? Na impossibilidade de se obter qualquer certeza, inclusive sobre essa afirmação, pergunta Montaigne: não seria melhor

agir como os céticos, fazer uma suspensão de juízo, recusar-se a fazer profissão de fé sobre qualquer conquista da razão? Tal atitude já demarca o seu território cético em relação às conquistas do espírito humano:

O céu e as estrelas foram durante três mil anos considerados em movimento. Todos acreditaram, até que Cleantes de Samos, ou segundo Teofrasto, Nicetos de Siracusa, se lembrou de sustentar que a terra é que girava em torno de seu eixo, segundo um círculo oblíquo do zodíaco; e em nosso tempo Copérnico demonstrou tão bem esse princípio, que dele se vale em seus cálculos astronômicos... Temos, portanto, quando se apresenta uma nova doutrina, razões de sobra para desconfiar e lembrar que antes prevalecia a doutrina oposta. Assim como esta foi derrubada pela recente, no futuro uma terceira substituirá provavelmente a segunda. Antes que os princípios de Aristóteles tenham tido crédito, outros existiram que também davam satisfação à razão humana. Que carta de recomendação trazem os últimos? Que privilégio especial lhes garante que ao menos nossas investigações os preservarão eternamente? Afirmaram-me que em geometria (ciência que pretende ter alcançado o mais alto grau de exatidão) há demonstrações incontestáveis que contradizem tudo o que a experiência declara verdadeiro ... há mil anos, fora agir como os

pirrônicos pôr em dúvida o que então ensinava a cosmografia e as opiniões aceitas por todos; referir-se à existência de antípodas era heresia, e eis que neste século se descobre um continente de enorme extensão... (e, de maneira declaradamente cética, conclui): ... Pergunto então se, visto que Ptolomeu se enganou outrora acerca do que constituía o ponto de partida de seu raciocínio, não seria tolice acreditar hoje resolutamente nas ideias de seus sucessores, e se não é provável que esse grande corpo denominado o “mundo” seja bem diferente do que julgamos?¹³.

Natural que sendo Descartes um pensador profundamente comprometido com a ordem intelectual de seu tempo, tenha convivido, de forma direta, com esse espírito cético dominante neste período. Mas, diferente do esperado, posiciona-se, em relação ao seu tempo e ao que o precedeu, com absoluta autonomia, com um distanciamento crítico, informando sua independência a qualquer pensamento que não tenha sido originado na autonomia da singularidade do *cogito*. Esta é a sua morada, seu território cognitivo, único lugar onde se sente seguro ao habitar. “Nasci, confesso-o, com um espírito tal que o maior prazer dos estudos para mim sempre consistiu, não em ouvir as razões dos outros, mas em fazer o esforço eu mesmo para descobri-las”¹⁴. Filósofa como se antes dele

ninguém o tivesse feito¹⁵. “Ora, desde sempre houve grandes homens que buscaram encontrar [...] as primeiras causas e os verdadeiros Princípios de que se pudessem deduzir as razões de tudo o que somos capazes de saber; e são particularmente aqueles que trabalharam nisso que foram chamados de Filósofos. *Todavia, que eu saiba ninguém até o presente teve sucesso nesse intento*”¹⁶. Só para efeito de ilustração, vale a pena ver como Descartes, na *Carta Prefácio dos Princípios da Filosofia*, depois de destituir Platão e Aristóteles de terem filosofado de verdade, demarca o seu território como aquele a partir do qual a verdadeira filosofia aparece no mundo. “Os primeiros e principais de que temos os escritos são Platão e Aristóteles, entre os quais não houve outra diferença senão que o primeiro, seguindo as pegadas de seu mestre Sócrates, ingenuamente confessou que nada procurava encontrar de certo, e contentou-se em escrever coisas que lhe pareceram ser verossimilhantes, imaginando para tal feito alguns Princípios com os quais buscava explicar as outras coisas; ao passo que Aristóteles teve menos franqueza e, se bem que tivesse sido por vinte anos discípulo daquele e não tivesse outros princípios senão os dele, mudou inteiramente a forma de enunciá-los e os propôs como verdadeiros e seguros, embora não haja nenhum sinal de que os tenha alguma vez estimado como tais”¹⁷. Não menos crítico é Descartes ao se referir à escolástica medieval¹⁸: “... a maioria daqueles que nestes

últimos séculos quiseram ser filósofos seguiram cegamente Aristóteles, de forma que freqüentemente corromperam o sentido de seus escritos, atribuindo-lhe diversas opiniões que ele não reconheceria como suas se retornasse a este mundo (...)”¹⁹. Mesmo aqueles que, segundo Descartes, não seguiu a filosofia de Aristóteles, “dentre os quais estiveram vários dos melhores espíritos”, não obtiveram qualquer êxito no filosofar, pois não puderam se livrar da influência de Aristóteles, “já que [as opiniões deste] são as únicas ensinadas nas escolas”²⁰. Portanto, de forma direta ou indireta, todos estão condenados à influência da filosofia de Aristóteles e, como conseqüência, não foram capazes de chegar “ao conhecimento dos verdadeiros princípios (...)”²¹.

Esta apreciação crítica que Descartes faz, não só da tradição filosófica, como também de sua própria formação intelectual, seja a adquirida com a leitura dos filósofos do passado, seja a recebida nos bancos escolares, serve para mostrar seu ponto de partida. Pode se chamar esse ponto de partida de o marco zero do conhecimento ou, como dirão mais tarde os empiristas, a página em branco do conhecimento. É uma total suspensão dos conhecimentos adquiridos, uma verdadeira *epoché* intelectual. É a partir desse marco zero que Descartes enuncia os primeiros fundamentos ou os primeiros princípios que fundamentarão todo o saber humano. “Ainda que todas as verdades que ponho entre meus Princípios tenham sido

conhecidas desde sempre por todo o mundo, não houve todavia ninguém até o presente, que eu saiba, que as tenha reconhecido como os Princípios da Filosofia, isto é, como tais que se possa delas deduzir o conhecimento de todas as outras coisas que há no mundo”²²

Depois de ter feito seu enfrentamento conceitual com o passado, destituindo-o como referência válida para ser pensar todas as coisas do mundo, Descartes volta-se para o seu tempo, um tempo de transição, de crise, um tempo cético, bem diferente do tempo que o precedera, onde a verdade existe e se afirma na mais absoluta independência do sujeito pensante, cabendo a este, tomá-la como um pressuposto, como um dado sobre o qual a razão natural não tem qualquer inferência. Descartes toma para si a responsabilidade de superar a crise de seu tempo e, como um bom timoneiro, indicar-lhe uma nova direção. Se o ceticismo torna-se a referência de um mundo em crise, se se quiser superar a crise, é preciso enfrentar o ceticismo e, se possível, vencê-lo. De certa forma, Descartes tem pleno conhecimento que o progresso do conhecimento humano depende do resultado desse enfrentamento. A conquista da verdade, é, ao mesmo tempo, a conquista do homem e, como consequência, a conquista do mundo.

É possível dizer que, num primeiro momento, Descartes encontra-se profundamente influenciado pelos céticos²³, reconhecendo neste território o lugar adequado

para lançar as bases daquilo que será, mais tarde, identificada como a Razão Moderna. Em seus livros: *Discurso do Método*, Primeira Parte, nas *Meditações* - Primeira Meditação, intitulado: “*Das coisas que se podem colocar em dúvida*”, Descartes, ao modo dos céticos, faz sua suspensão de juízo:

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados, não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências²⁴.

A dúvida é, assim, uma preparação do espírito para o conhecimento da verdade. Se tomássemos essas palavras de Descartes como conclusivas, facilmente o identificaríamos como um cético clássico ou moderno, herdeiro de Pirro ou Montaigne. Mas, distintamente dos céticos, que duvidam por duvidar, a dúvida cartesiana vai além desse primeiro momento, ela transforma-se em método, em caminho que a razão deve percorrer até encontrar uma verdade com força suficiente para eliminar a própria dúvida. Na Terceira

Parte do *Discurso do Método*, Descartes pontua, com bastante precisão, o que o distancia dos céticos: “Não que imitasse, para tanto os céticos, que duvidam apenas por duvidar e afetam ser sempre irresolutos: pois, ao contrário, todo o meu intuito tendia tão somente a me certificar, e remover a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha ou a argila”. Respondendo a uma crítica feita por Gassendi - *Meditações, resposta do autor às Quintas Objeções* -, segundo a qual a dúvida não basta para o conhecimento da verdade, o meditador diz em que sentido ele faz uso da dúvida: “...embora seja verdadeiro que a dúvida apenas não basta para estabelecer qualquer verdade, ela não deixa de ser útil para preparar o espírito a estabelecê-la após, e é somente nisto que eu a empreguei”²⁵.

Descartes sabe muito bem o perigo que o pensamento cético representa para a própria possibilidade do progresso do conhecimento humano. Aqueles que mergulham nas águas profundas do ceticismo jamais alcança um solo firme para tomá-lo como base de sustentação, que possibilite construir um conhecimento claro e distinto sobre qualquer coisa. No limite, o ceticismo acaba sendo um fundo sem fundo, um fundo que jamais pode ser alcançado, o que implica na própria impossibilidade de se construir qualquer saber verdadeiro²⁶. A vitória do ceticismo imporia, necessariamente, a derrota da razão²⁷. Descartes tem plena consciência desse perigo e não economiza esforços para

evitá-lo. Depois de Descartes, o ceticismo radical perdeu suas forças, já não pôde ser levado a sério. Com Descartes, o ceticismo torna-se método. Torna-se critério de verificação da validade do conhecimento humano. Se para os céticos, a dúvida é um estado natural do próprio pensamento, para Descartes, a dúvida é só um método, uma arma da qual todo homem, “dotado de bom senso”, deve usar para guerrear contra os preconceitos e os prejuízos do espírito²⁸. É o meio através do qual o homem, libertando-se das representações derivadas do mundo físico, do qual era prisioneiro, volta-se para contemplar o sol da razão natural. Contra a dúvida cética, a dúvida metódica. Se alguém quer duvidar, então, que a dúvida seja exercida de forma radical, que não se duvide por duvidar, que se duvide com uma verdadeira intenção: encontrar uma base segura sobre a qual possa se erguer toda a ordem do saber, sem que a dúvida possa alcançá-la²⁹. A dúvida cartesiana anseia por seu próprio fim. Sua caminhada é longa; percurso que é, ao mesmo tempo, sua afirmação e a preparação para a sua consumação. Quanto mais a dúvida se apresenta fortalecida, mais próxima encontra-se de sua derrocada; seu fortalecimento é, simultaneamente, a aproximação de sua ruína. A vitória da razão, a conquista da primeira verdade, implica, necessariamente, na derrota da dúvida. Por isso, esta tem que ser exercida plenamente, de forma radical e absoluta, sem que nenhuma concessão lhe seja feita. Nada,

absolutamente nada, seja Deus, o homem ou o mundo, encontra-se fora de seu alcance. Só assim, aquilo que a ela sobreviver poderá afirmar-se como verdade indubitável, verdade absolutamente verdadeira, sobre a qual a dúvida não tem mais nenhuma gerência. Isso é possível? *A priori*, não é possível responder a essa pergunta; não é possível saber se alguma verdade sobreviverá à dúvida. Essa é uma resposta que só se obtém no próprio exercício da dúvida, no próprio exercício do método. A superação da dúvida, e como conseqüência, a conquista da verdade, não é tarefa fácil, é uma caminhada arriscada, profundamente perigosa, pois corre-se o risco de nela se perder ou se abandonar a caminhada; diante dos perigos que oferece, prefere-se, muitas vezes, voltar atrás, retroceder, instalar-se na “segurança” das antigas opiniões, crenças ou ilusões³⁰. Mas, aí, jamais se faria ciência, jamais haveria progresso do conhecimento humano. Por isso, se se quiser, verdadeiramente, conhecer a verdade, tem-se que correr o risco de exercitar o método da dúvida até o limite que a própria dúvida impõe e não apenas até o limite do desejo ou estado de espírito do sujeito que duvida. A caminhada da dúvida não pode ser interrompida, ela tem que ir até o fim, esgotando todas suas forças e possibilidades. Entretanto, é preciso insistir, em nenhum momento essa dúvida é um estado natural do espírito, ao contrário, ele é uma dúvida exercida pelo sujeito que duvida, uma dúvida sobre a qual

este sujeito tem pleno domínio e, portanto, exerce-a e não a sofre. Isso não altera a radicalidade da dúvida, ao contrário, só a reforça. Pois se ela é uma dúvida metódica, não pode ser exercida por meio de um acordo com a razão, ou no limite dos interesses daquele que duvida; pelo contrário, sendo metódica, tem que exercer-se livremente, não deixar escapar nada, exaurir todos os seus limites e possibilidades. É da morte da dúvida que nasce a primeira verdade no espírito do homem. É o que busca Descartes, ao exercitar a dúvida de forma tão radical e profunda: encontrar uma verdade tão certa, tão indubitável que “todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalar”.

Na busca de um “ponto fixo e seguro” para ancorar a razão, que lhe garanta, a partir dele, fundamentar toda a ordem da razão, Descartes irá supor como falso, de forma radical e absoluta, o conteúdo de verdade de todas as suas representações, tomá-lo como absolutamente falso e, assim, desinstalado de qualquer verdade e, instalado numa dúvida universal, reiniciar a caminhada na busca do verdadeiro saber.

Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que nada jamais existiu de tudo quanto minha memória referta de mentiras me apresenta; penso não possuir nenhum sentido; creio

que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. O que poderá, pois, ser verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa a não ser que nada há no mundo de certo³¹.

A partir daí, Descartes irá questionar, não mais a dúvida em si, essa já atingiu o seu próprio limite, mas aquele que duvida; irá questionar o próprio sujeito que duvida, para saber se ele, enquanto sujeito que duvida, também sucumbe à dúvida.

Mas eu me persuadi também de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há pois dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastaste nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente

verdadeira, todas as vezes que eu a anuncio ou que eu a concebo em meu espírito³².

Descartes acaba de encontrar uma verdade sobre a qual não é possível qualquer dúvida, uma verdade que se afirma com um conteúdo de verdade tão resistente, tão indubitável que, mesmo que ele se enganasse, ou mesmo que um gênio enganador o enganasse ou desejasse enganá-lo, mesmo assim essa verdade persistiria, sobreviveria à dúvida.

Essa verdade, “*eu sou, eu existo*”, é a condição da própria dúvida, ou seja, a dúvida só existe enquanto existe um sujeito que a exerce; não posso duvidar, por uma impossibilidade lógica, de que existe um sujeito que duvida, quando este, de fato, está exercitando a dúvida. A prova da existência do sujeito está na existência da própria dúvida. O pensamento afirma a identidade existencial do sujeito que duvida. A existência da dúvida, que é uma modalidade do pensamento, é a prova cabal da existência do sujeito que a exerce. O sujeito que duvida existe, caso não existisse, sequer a dúvida seria possível.

A conquista do *cogito*, primeira verdade indubitável, sobre a qual será deduzido a verdade de todas as outras coisas, afirma, ao mesmo tempo, a vitória da razão e a derrota do ceticismo. O embate chega ao fim. Depois de uma longa caminhada, depois de ter atravessado mares

revoltos, Descartes pisa em terra firme³³, encontrou o ponto arquimediano que buscava para fixar a alavanca do conhecimento³⁴, pode, finalmente, anunciar ao mundo uma nova filosofia, toda ela fundamentada e garantida na autonomia do *cogito*. A verdade subjetivou-se, veio para o domínio do espírito, perdeu sua autonomia em relação ao sujeito, sobre ela o homem é o senhor absoluto, torna-se o único ser responsável pelo seu aparecimento no mundo.

NOTAS

¹ Prof. Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: joceval.bitencourt@yahoo.com.br.

² Faz-se necessário esclarecer alguns critérios usados na escolha das obras e edições (de Descartes e de seus intérpretes). Neste artigo, no que se refere às notas sobre as obras de Descartes, em língua portuguesa, recorreremos, sempre que possível, à Ed.: *Obras Escolhidas*, onde se encontra: *Discurso do Método, Meditações, Objeções e Respostas, As Paixões da Alma e algumas Cartas*. Com Introdução de Gilles-Gaston Granger, Prefácio e notas de Gérard Lebrun e tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, tendo como editora a Difusão Europeia de Livros. Não existindo tradução para o português, optamos por usar, preferencialmente as edições francesas.

³ “A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode

compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em linguagem matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem elas nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto”. Galileu, *O Ensaaiador*, p. 21

⁴ Apud, LENOBLE, R. *História da idéia de natureza*, p. 263.

⁵ “O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora”. PASCAL, B. *Pensamentos*, frag. 206, Col. Os pensadores, p. 91.

⁶ DONNE, J. An anatomy of the world. Apud, DOMINGUES, I. *O grau zero do conhecimento*, p. 34.

⁷ “O movimento pirrônico atribui seu próprio começo à figura lendária de Pirro de Elis, que viveu de c. 360 a 275 a.C. e a seu discípulo Tímon, que viveu de c. 315 a 225 a.C. As histórias acerca de Pirro que chegaram até nós revelam que ele não era um teórico, mas ao contrário, o exemplo vivo e completo de alguém que punha tudo em dúvida, um homem que não aceitava se comprometer com nenhum juízo que fosse além de como as coisas pareciam ser. Seus interesses parecem ter sido predominantemente éticos e morais, e nesta área ele buscava evitar a infelicidade que poderia ser consequência das teorias sobre valores, evitando basear seus juízos nelas. Se estas teorias sobre valores fossem de algum modo sujeitas a dúvidas, aceitá-las e usá-las poderia apenas levar-nos à angústia mental”. POPKIN, R. *História do ceticismo – de Erasmo a Spinoza*, p. 15.

⁸ Cf. Alq., II, p. 1059/60; AT. VII, p. 548/49

⁹ “... a filosofia de Pirro na verdade não deriva de nenhuma filosofia anterior: é uma doutrina original” “Os céticos antigos reconhecem expressamente Pirro como mestre e sua doutrina conservou entre os modernos o nome de *pirronismo*”. Brochard, Victor. *Os Céticos Gregos*, p. 65

¹⁰ Victor Brochard, *Os Céticos Gregos*, p. 68

¹¹ Montaigne, M., *Ensaio II*, cap. XII, p. 259-260.

¹² Idem, *ibidem*, p. 209.

¹³ Idem, *ibidem*, 264-265.

¹⁴ DESCARTES, R. *Regas para a orientação...*, reg. X, p. 61. Nesta mesma regra, continua Descartes: "...ainda jovem, ao estudo das ciências, toda vez que o título de um livro prometia-me uma nova descoberta, antes de levar mais adiante a minha leitura, tentava se, mediante uma sagacidade inata, eu não conseguiria por acaso chegar a igual resultado e evitava ciosamente privar-me desse prazer inocente com uma leitura apressada". Idem, *ibidem*.

¹⁵ Gilson, Etienne. *O Filósofo e a teologia*, p. 96

¹⁶ DESCARTES, R. *Carta-prefácio...*, p. 9, (grifo nosso).

¹⁷ Idem, p. 9-10.

¹⁸ "Às portas do século XIII, um fato novo se produz na história das escolas: a emergência de uma instituição – a Universidade – na qual mestres eclesiásticos especialistas da cultura se associam para formar um corpo profissional segundo o modelo das corporações de ofício. Consagrado pelo papa, esse corpo é englobado pela Igreja a título de instituição autônoma que, subtraída à jurisdição dos bispos e dos senhores, está submetida unicamente ao poder pontifício e a seu controle doutrinário. Essa nova instituição desenvolve-se de início em Paris e em Oxford (o studium de Bolonha é um caso à parte) e não é separável da emergência da cultura – fortemente organizada e privilegiada de maneira exclusiva – que chamamos 'escolástica'". GOFF, J. le.; SCHMITTA, J.-C. *Dicionário – temático e técnico – Medieval*. v. I, verbete: escolástica, p. 367.

¹⁹ DESCARTES, R. *Carta-Prefácio...*, p. 12.

²⁰ Idem, *ibidem*.

²¹ Idem, *ibidem*.

²² Idem, *ibidem*, p. 16

²³ Gilson indicou que Descartes tomou de empréstimo idéias de Montaigne e de Charron; Brunschvicg mostrou que alguns elementos do pensamento cartesiano podem ser mais bem entendidos em comparação com os pontos de vista da *Apologia de Raimond Sebond*. Mas, à exceção dos estudos recentes de Dambsska e de Gouhier, há poucos trabalhos tratando da relação entre o pensamento de Descartes e o de seus contemporâneos pirrônicos. Richard Popkin, *História do Ceticismo – de Erasmo a Espinosa*. P. 271/272. Gilson, pontua a influência de Montaigne sobre o pensamento de Descartes. “É certo que, enquanto me limitei a considerar os costumes dos outros homens, quase nada encontrei que me desse segurança, notei neles quase tanta diversidade como a que antes encontrara entre as opiniões dos filósofos”. “Desenvolvimento que se inspira em Montaigne, *Essais*. I, XXI, *Des cannibales*; I, XXIII, *Dela coutume*; I, XLIX, *Des coutumes anciennes*; II, XII, *Apologie de R. Sebond*”, Nota 76, Étienne Gilson, comentários feitos no Discurso do Método, Primeira Parte.

²⁴ DESCARTES, *Meditações*, Primeira Meditação, p. 117

²⁵ DESCARTES, R. *formuladas pelo Senhor Gassendi, Meditações, resposta do autor às Quintas Objeções*, p. 286.

²⁶ DESCARTES, R. *La Recherche de la Vérité*, Alq., II, p. 1120; AT., X, p. 512. Essa mesma imagem, usada para identificar o estado de dúvida de Sócrates e dos Pirrônicos, Descartes usa, no início da sua *Segunda Meditação*, para identificar o estado de dúvida e incerteza em que ele se encontrava ao final da sua *Primeira Meditação*. “A Meditação que fiz ontem encheu-me o espírito de tantas dúvidas, que doravante não está mais em meu alcance esquecê-las.... como se de súbito tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona”. DESCARTES, R. *Meditações*, p. 124.

²⁷ Em carta de Março de 1638, sem identificação do destinatário, Descartes diz que o fato de os pirrônicos não concluírem nada de certo, não quer dizer que ele não conseguirá. Cf. AT, v. II, p. 38

²⁸ “Non seulement la fin du doute cartésien diffère de la fin du doute des sceptiques, mais encore sa méthode n’est pas la même que la leur. La critique des sceptiques ne tend, selon la parole de Montaigne, qu’à ‘vérifier l’ignorance’; elle part donc du probable et douteux pour nous conduire à d’autres probables qui lui font équilibre. La critique cartésienne tend, au contraire, à vérifier la vérité; elle ne part donc du douteux et probable que pour l’éliminer, et elle l’élimine en lui opposant du certain, qu’il s’agisse de la certitude de sa vérité ou de la certitude de sa fausseté, car cette dernière certitude est encore une vérité. On peut donc dire que le scepticisme pur viserait à entretenir le doute comme l’état normal de la pensée, au lieu que Descartes ne le considère que comme une maladie dont il entreprend de nous guérir”. GILSON, É. *Texte e comentário*, In: DESCARTES, R. *Discours de la méthode*, p. 269.

²⁹ “O céptico será vencido pelas suas próprias armas. Duvida... Pois bem! Vamos ensinar-lhe a duvidar. A nossa dúvida não será um *estado* – estado de uma incerteza negligente –, será uma ação livre, voluntária, e que levaremos às últimas conseqüências. Dúvida-*estado*, dúvida-*ação*: a ruptura é profunda. E, no fundo, a vitória – em princípio – está já alcançada. Porque a dúvida, o céptico e Montaigne sofrem-na. Descartes exerce-a. Ao exercê-la *livremente*, dominou-a. E assim se libertou dela”. KOYRÉ, A. *Considerações sobre Descartes*, p. 36.

³⁰ “Mas esse desígnio é árduo e trabalhoso e certa preguiça arrasta-me insensivelmente para o ritmo de minha vida ordinária. E, assim como um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado...”. DESCARTES, R. *Meditações*, p. 123.

³¹ Idem, p. 125

³² Idem, Ibidem, p. 126

³³ “Con Cartesio entramos, en rigor, desde la escuela neoplatónica y lo que guarda relación con ella, en una filosofía propia e independiente, que sabe que procede sustantivamente de la razón y que la conciencia de sí es un momento esencial de la verdad. Esta filosofía erigida sobre bases propias y peculiares abandona totalmente el terreno de la teología filosofante, por lo menos en cuanto al principio, para situarse del otro lado. Aquí, ya podemos sentirnos en nuestra casa y gritar, al fin, como el navegante después de una larga y azarosa travesía por turbulentos mares: terra!” Hegel, *Lições sobre la historia de la filosofia*, p.252

³⁴ “Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais exceto um ponto que fosse fixo e seguro. Assim, terei o direito de conceber altas esperanças, se for bastante feliz para encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável”. *Meditações, Segunda Meditação*, p. 124.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES. *Oeuvres philosophiques*, Ed. F. Alquié, v. II. Paris: Classiques Garnier. 1997

_____, *Discurso do método, Obra escolhida*. São Paulo: Difusão Européia de Livros. 1973

_____, R. *Regas para a orientação*. São Paulo: Martins Fontes. 1999

_____, *Carta prefácio*. São Paulo: Martins Fontes. 2003

_____, *Correspondência*, Adam & Paul Tannery, v. II, Paris: Vrin. 1996

BROCHARD, Victor. *Os Céticos Gregos*. São Paulo: Odysseus. 2009

DONNE, J. *Na anatomy of the world*. Apud, DOMINGOS, I. *O grau zero do conhecimento*. São Paulo: Loyola. 1991

ESPINOSA, *Princípios da filosofia cartesiana e pensamentos metafísicos*

GALILEU, *O Ensaiador*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural. 1978

GILSON, Etienne. *O Filósofo e a teologia*. São Paulo: Academia cristã e Paulus. 2009

_____, *Texte e commentaire*, In: DESCARTES, R. *Discours de la méthode*, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. 1987

_____, *Discurso do Método (comentários)*, Lisboa: Edições 70. 1993

GOOF, J. Le.; Schmitta, J-C. *Dicionário – temático e técnico – Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. 2002

HEGEL, G. *Licções sobre la historia de la filosofia*. Tomo III, trad: Wencelao Roces. México: Fundo de Cultura Económica. 1955

KOYRÉ, A. *Considerações sobre Descartes*, Lisboa: Edityora Presença. 1992

LENOBLE, R. *História da ideia de natureza*. Lisboa: Edições 70. 2002

MONTAIGNE, M. *Ensaio II*. São Paulo: Nova cultural. 1987

PASCAL. B. *Pensamentos*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Coçtural. 1988

POPKIN, R. *História do Ceticismo P*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.